

Resenha

A formação de sujeitos nas experiências de economia solidária: mais do que um tijolo na parede

Subjectivation within solidarity-based economy experiences:
more than another brick in the wall

Pedro de Almeida Costa¹

pacosta@ea.ufrgs.br

LIMA, M.I.R. 2013. *Economia solidária e vínculos*. São Paulo, Ideias e Letras, 162 p.

A minha motivação pessoal para escrever esta resenha poderia ser acusada de mera vaidade (acadêmica), em função de ter participado da banca de defesa da dissertação de mestrado da Maria Isabel Rodrigues Lima, que deu origem ao livro ora analisado. Ainda mais se considerarmos que meu colega de banca foi o professor Paul Singer, autor da provocação feita à autora para publicar seu trabalho e dar visibilidade ao que ali foi encontrado: aceita a provocação, o livro foi publicado e o mesmo o prefaciou.

Mas a motivação é mesmo de caráter político e intelectual, nascida da convicção de que estamos diante de uma abordagem inovadora da Economia Solidária, feita por uma psicóloga que conheceu e procurou entender a transformação dos vínculos pessoais, profissionais e familiares de homens e mulheres que passaram pela experiência de trabalho em uma cooperativa de triagem de resíduos sólidos.

Porém, antes de escrever especificamente sobre as inovações da obra que temos na mão, é preciso situá-la não só acadêmica como politicamente. E início pela dimensão política do trabalho, uma verdadeira *práxis* que produziu – em diálogo com os trabalhadores e trabalhadoras da cooperativa – reflexões muito

consistentes sobre o modo de trabalhar, conviver e viver. Esse diálogo que Gramsci (1981) qualificaria de uma relação dialética entre a “massa dos simplórios” (no prefácio, Singer os chama de “povo simples”) e os “intelectuais” tem potencial de produzir mudanças culturais significativas, um verdadeiro “processo histórico real” que acontece a partir da relação entre teoria e prática. Se quisermos, podemos dizer que estamos diante de um tijolo a mais que pode estar construindo um novo “bloco histórico”: novas relações sociais de produção, acompanhadas de um pensar que tem potencial para estimular o desenvolvimento de uma nova superestrutura que as sustente.

Ainda para Gramsci (1981), o puro exercício da *práxis* já seria revolucionário em si, por ser uma construção do *devenir* possível de um processo histórico baseado no materialismo dialético. Mas a leitura do livro nos permite ir além do significado simbólico da obra, que é grandioso, no sentido que exprime um modo de produzir conhecimento que é comprometido com a transformação social e inicia essa transformação pela sua própria forma de trabalhar. Voltarei a esse ponto mais adiante, ao comentar as inovações metodológicas que o leitor encontrará na pesquisa relatada no livro.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rua Washington Luiz, 855, sala 331, 90010-460, Porto Alegre, RS, Brasil.

Porém, para além dessa dimensão simbólica, há principalmente um desdobramento político (mas também simbólico, por óbvio) de promoção de visibilidade de experiências contra hegemônicas (Misoczky *et al.*, 2008; Zilio *et al.*, 2012; Barcellos e Dallagnelo, 2013). Sim, pois apesar de ser acusada de retrocesso nas lutas históricas da classe trabalhadora contra o capital (Wellen, 2009), ou como uma política pública compensatória ao esvaziamento e precarização da ocupação assalariada e, portanto, útil ao capital (Barbosa, 2007), a Economia Solidária se apresenta, na minha leitura, como um processo contra-hegemônico e de afirmação de possibilidades ou *emergências*, como o qualifica Santos (2002). E o livro da Isabel – me permito a intimidade pelo longo período de convívio profissional que tivemos – atesta esse caráter da Economia Solidária como uma transformação dialética, pois se é verdade que são as condições materiais de vida que determinam o modo de pensar – e voltar a agir sobre a base material da sociedade, segundo a “filosofia da práxis” – as transformações nas vidas das pessoas e o seu novo modo de pensar e refletir a respeito das suas próprias condições de vida e de trabalho mostram um movimento nesse sentido: se essas pessoas entraram para trabalhar na triagem de resíduos sólidos pela condição de precariedade e necessidade extrema em que se encontravam (condições materiais), seu modo atual de trabalhar e viver (e o que pensam sobre isso) se transformaram, e isso nos encoraja a defender que existe alguma mudança acontecendo.

É evidente que a Economia Solidária tem inúmeras contradições que não estão sendo negadas. Assim como é igualmente evidente que há o risco de estar acontecendo não mais do que aquela concessão simbólica de que Bourdieu (2008) nos fala, quando o discurso hegemônico abre espaço para o seu contrário, justamente para reforçar ainda mais a sua condição dominante e subsumir o contraditório, caso que já acontece atualmente, por exemplo, com o discurso da “sustentabilidade”, que foi incorporado e subsumido no discurso do capital (verde). Mas esses riscos não nos podem imobilizar, assim como não se pode desprezar e desperdiçar a experiência de vida que se produz nos espaços da Economia Solidária, como em outros espaços e dinâmicas contra-hegemônicas. Penso que o estudo e a reflexão, como os da pesquisa que deu base ao livro resenhado, se inscrevem no esforço acadêmico de se alinhar com essas lutas e de dar sentido social ao seu trabalho.

Mas para esta resenha também não sofrer a crítica de ser um manifesto (que, em parte, é...) vamos aos predicados acadêmicos e científicos da obra:

A inovação da pesquisa consiste em entender, do ponto de vista das pessoas, as transformações ocorridas nas suas formas não só de viver e trabalhar, mas especialmente na forma como essas pessoas passaram a *entender e pensar* os novos modos de viver e trabalhar. A formação da autora permite a incursão pela subjetividade das pessoas que trabalham na Economia Solidária, e com isso ela consegue, na sua pesquisa, avaliar as transformações que esse trabalho – e especialmente a consciência desse trabalho – provoca na maneira como as pessoas passam a viver suas relações e seus vínculos.

De modo diferente da maior parte das abordagens das pesquisas e escritos no campo da Economia Solidária, normalmente ligados às ciências sociais e às sociais aplicadas, o foco nos vínculos pessoais, familiares e profissionais que tem o trabalho da Isabel nos leva a pensar as mudanças sociais a partir dos sujeitos do trabalho. E, se as pessoas estão mudando junto com o modo como elas veem o mundo, as outras pessoas, a família e o seu trabalho, podemos começar a acreditar que esse pensar pode se desdobrar em ações que voltem a incidir sobre as suas condições de trabalho, transformando-as. Até mesmo porque as condições de trabalho na triagem de resíduos sólidos precisam, e muito, ser transformadas.

Há ainda, do ponto de vista metodológico, uma inovação com implicações políticas significativas que qualificam ainda mais o trabalho. A análise de conteúdo empreendida pela autora passou pela validação coletiva dos trabalhadores e trabalhadoras da cooperativa, o que significa a transposição de um discurso social relevante para a prática acadêmica, fugindo do vazio retórico que pode ser uma armadilha ardilosa para nós da academia. Além das duas categorias de vínculos inicialmente mapeadas pela pesquisadora (vínculos sociais e vínculos familiares, que inspiravam a questão de pesquisa), a validação coletiva fez emergir a categoria de vínculos ligados ao trabalho coletivo, o que indica também um grau de consciência e autopercepção a respeito da sua condição de trabalho que é, se não uma evidência de transformações pessoais significativas, ao menos uma boa questão de pesquisa que pode permitir avaliar o potencial de transformação social daí decorrente.

A construção efetivamente conjunta de conhecimento entre universidade e sociedade foi, portanto, vivenciada na pesquisa, evidenciando a postura ética e o respeito da pesquisadora, quando a mesma se encontra na condição de pessoa que pesquisa a vida de outras pessoas. Esse respeito desdobrou-se também na presença de trabalhadores da cooperativa na cerimônia de lançamento do livro, perante uma plateia acadêmica cujas perguntas foram respondidas não somente pela autora, mas também pelos trabalhadores presentes.

Por todos esses aspectos, técnicos e políticos, reitero a recomendação da leitura do livro, que não se resumiu à simples transformação da dissertação, defendida em 2010, para outro formato de texto, mas que ganhou em maturidade intelectual com uma revisão cuidadosa e com um prefácio provocativo. Não é um livro com respostas e explicações prontas, pelo contrário, é um conjunto de mais provocações e de mais perguntas, e por isso mesmo é fundamental para quem quer estudar Economia Solidária e para quem quer encontrar nela sentidos e pistas de transformação social a partir de uma luta contra-hegemônica – ou para quem quer fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Referências

- BARBOSA, R.N.C. 2007. *Economia solidária como política pública: uma tendência de geração de renda e ressignificação do trabalho no Brasil*. São Paulo, Cortez, 320 p.
- BARCELLOS, R.M.R.; DELLAGNELO, E.H.L. 2013. Novas formas organizacionais: do dominante às ausências. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 7(1):1-16.
- BOURDIEU, P. 2008. *A economia das trocas linguísticas*. 2ª ed., São Paulo, EDUSP, 192 p.
- GRAMSCI, A. 1981. *Concepção dialética da história*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 341 p.
- MISOCZKY, M.C.; FLORES, R.; BOHM, S. 2008. A práxis da resistência e a hegemonia da organização. *Organizações & Sociedade*, 15(45):181-193.
- SANTOS, B.S. 2002. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63:238-280.
- WELLEN, H.A.R. 2009. *Para a crítica da Economia Solidária*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 316 p.
- ZILIO, L.B.; BARCELOS, R.M.R.; DELLAGNELO, E.E.L.; ASSMANN, S.J. 2012. Organizações contra-hegemônicas e a possibilidade de redescoberta da política na modernidade: uma contribuição a partir do pensamento de Hannah Arendt. *Cadernos EBAPE.BR*, 10(4):789-803.
<http://dx.doi.org/10.1590/s1679-39512012000400002>

Submetido: 07/11/2014

Aceito: 19/12/2014